



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JULIANA FONSÊCA DE ALMEIDA GAMA

“UM CORTE DAS PALAVRAS ÀS VEZES NÃO É UM SINAL DE ALGO?”

CAMPINA GRANDE – PB

2013

JULIANA FONSÊCA DE ALMEIDA GAMA

“UM CORTE DAS PALAVRAS ÀS VEZES NÃO É UM SINAL DE ALGO?”

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em **Psicologia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Jailma Souto Oliveira da Silva

CAMPINA GRANDE

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

G184u Gama, Juliana Fonsêca de Almeida.
“Um corte das palavras às vezes não é um sinal de algo?”
[manuscrito] / Juliana Fonsêca de Almeida Gama. – 2013.
36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Jailma Souto Oliveira da Silva,
Departamento de Psicologia”.

1. Psicose. 2. Psicanálise. 3. Escrita. 4. Linguagem. I. Título.

21. ed. CDD 150.195

JULIANA FONSÊCA DE ALMEIDA GAMA

“UM CORTE DAS PALAVRAS ÀS VEZES NÃO É UM SINAL DE ALGO?”

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em **Psicologia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Jailma Souto Oliveira da Silva

Aprovada em 10/09/2013



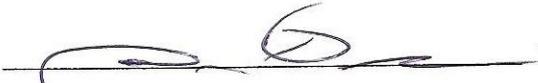
Prof^ª Dr^ª Jailma Souto Oliveira da Silva / UEPB

Orientadora



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB

Examinador



Prof. Ms. Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB

Examinador

“UM CORTE NAS PALAVRAS ÀS VEZES NÃO É UM SINAL DE ALGO?”

*Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres[...]
(Tabacaria – Álvaro de Campos)*

GAMA, Juliana Fonsêca de Almeida¹

RESUMO

Este artigo, tomando por base os delineamentos da primeira clínica lacaniana, pautada na égide do Nome-do-Pai enquanto significante primordial, visou o estudo da função da escrita a partir do funcionamento do significante na estrutura particular da psicose. Junto a este estudo, propôs-se a observação do material escrito por uma paciente psicótica, a partir do qual se buscou não a interpretação de seus escritos, visto que parecem não ser da ordem do para ser lido, mas por em evidência a tentativa da mesma no sentido da estabilização, a partir da possibilidade de escrever e dos apelos que faz através dessa escrita. A partir deste estudo, observou-se que na psicose, as palavras não têm mediação, como sinalizou Lacan, antes aparecem como representantes do Real. É nesse sentido, pois, que se aponta a escrita como uma saída possível a relação do psicótico com a linguagem, e, portanto, como uma possível via de estabilização, na medida em que se pode colocar no Real da escrita aquilo que escapa à mediação da palavra e precisa ser contido.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Psicose. Escrita. Estabilização.

1. INTRODUÇÃO

No final do século XVIII nasceu uma nova sensibilidade no trato com os loucos; passou-se a compreensão da loucura não mais sob um viés religioso correcional, como se através dela Deus estivesse permitindo certa redenção do sujeito por seus pecados, ou de revelação, como se os loucos trouxessem consigo certo saber. A loucura passou a ser compreendida a partir de um conceito moral, pautado na dicotomia razão-desrazão, dicotomia esta que conduziu, ao longo dos anos, à compreensão do termo “desrazão” como “alienação mental”.

¹ Graduanda em Psicologia pela UEPB. E-mail: julianafgama@hotmail.com

No século XIX, diante dessa visão, conforme Oliveira (2008), o tratamento ao doente mental passou a incluir medidas físicas como duchas, banhos frios, chicotadas, máquinas giratórias e sangrias, permanecendo tal submissão até o século XX. A partir da segunda metade do século XX, impulsionada, sobretudo, por Franco Basaglia, psiquiatra italiano, e vinculada ao Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental² e à Reforma Sanitária Brasileira³ da qual resultou a criação do Sistema Único de Saúde - (SUS), iniciou-se, no Brasil, o movimento da Luta Antimanicomial, marcado pela ideia de defesa aos direitos e o resgate da cidadania dos sujeitos com transtornos mentais. Juntamente à Luta, nasceu o movimento da Reforma Psiquiátrica com a proposta de construção de uma rede de serviços inclusivos; movimento este que ganha força com a consolidação do SUS (OLIVEIRA, 2008).

Percebe-se, então, que a loucura, sempre suscitou curiosidade, temor, atração (GUERRA, 2010). Entretanto, ao ser transformada em objeto de estudo pela psiquiatria, findou por reduzir-se a uma doença mental, sob um status negativo de patologia. Apesar disso, a diferença que a loucura porta em relação às fronteiras simbólicas que regulam a “normalidade”, desperta o desejo de dedicação ao seu estudo, atividade para a qual a psicanálise, em especial, sobretudo a partir de Lacan, se dedicou.

E assim, desde a invenção da psicanálise com Sigmund Freud, a loucura, teoricamente denominada psicose, foi alvo de reflexões, sofrendo grande aprofundamento em sua investigação com o psicanalista francês, Jacques Lacan. Este teve sua clínica sistematicamente dividida em duas. Na primeira clínica, conhecidamente estruturalista, Lacan fez um retorno a Freud e debruçou-se sobre o caso do Presidente Schreber⁴, tomando o significante Nome-do-Pai como o fenômeno central na estruturação psíquica do sujeito. Já na segunda clínica, a clínica do nó borromeano,

² Movimento plural composto por trabalhadores integrantes do movimento sanitário, associações de familiares, sindicalistas, membros de associações de profissionais e pessoas com longo histórico de internações psiquiátricas. Tal formação realizou denúncias quanto a violência nos manicômios, quanto a mercantilização da loucura, a hegemonia de uma rede privada de assistência e além de uma forte crítica ao saber psiquiátrico e ao modelo hospitalocêntrico na assistência às pessoas com transtornos mentais BRASIL, 2005)

³ A Reforma Sanitária foi um movimento representado por profissionais de saúde, usuários, políticos e lideranças populares, na luta pela reestruturação do nosso sistema de saúde, com propostas como a saúde como um direito do cidadão, um dever do Estado. Além disso, lutou-se para que se tornasse universal o acesso a todos os bens e serviços que promovam e recuperem a saúde.

⁴ Schreber foi um magistrado alemão que desencadeou a psicose ao ser nomeado em seu país para um alto cargo. O estudo do seu caso foi publicado, primeiramente por Freud, no texto “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*)” (1911), após sua leitura do livro “Memórias de um doente dos nervos” (1903), da autoria Schreber. Anos depois, em “O seminário: livro 3 – As psicoses” (1955-56), Lacan também estuda o caso.

Lacan comentou a obra do escritor irlandês James Joyce e apresentou a psicose através do uso de um recurso matemático – a topologia dos nós borromeanos.

Na segunda clínica, então, datada da década de 70, Lacan, apresenta o nó borromeano a partir de três ordens que representam, cada uma delas, o Real, o Simbólico e o Imaginário (EVANS, 2003). E, assim, tomando as estruturas clínicas coloca que, na neurose, os três anéis se apresentariam enodados, enquanto que na psicose o imaginário se soltaria ante o confronto com a experiência de um Real e a impossibilidade de produzir uma significação para dar conta deste encontro, produzindo como resposta uma nova realidade delirante. Esse desprendimento, contudo, poderia ser evitado com uma formação sintomática, que funciona como um quarto anel, que mantém os outros três enodados, evitando o surgimento dos chamados Fenômenos Elementares⁵.

Apesar desta construção lacaniana, escolhemos, no presente trabalho, tomar como referência apenas a sua *primeira clínica*, ou seja, a clínica embasada e guiada pela definição das estruturas clínicas e, especificamente, pela presença ou ausência do Nome-do-Pai no delinear dessa questão. A primeira clínica, que traz, como dito, marcadamente o retorno de Lacan a Freud, evoca o estudo da psicose a partir dos indicativos P_0 (metáfora parterna) e φ_0 (significação fálica), sendo, enquanto uma clínica estruturalista, regida por um ponto central – o Simbólico – tomado como o organizador da cadeia significante. Nela, a essência é a lógica categorial, embora não se negue que todas as classificações são apenas semblantes.

Partindo, portanto, da primeira clínica e levando em consideração a dimensão da estabilização, bem como a Escrita como um movimento possível nesse sentido, ainda que sob a consideração de que “a escrita das letras do psicótico não é em si mesma um significante estabilizador, a não ser que suporte sobre si um outro significante produzido pelo sujeito, e que tenha um endereço” (ALVARENGA, 2000), o presente artigo propõe-se ao estudo da relação psicose e escrita a partir do estudo teórico e da análise de um material produzido por uma paciente psicótica que antes do surto punha-se a

⁵ Denominação tomada por Lacan, em seu livro “O Seminário: livro 3 – As Psicoses”, do seu mestre Clerámbault. Assim, formulado a partir da psiquiatria francesa, o termo *fenômenos elementares* foi utilizado por Lacan para designar o caráter estrutural da psicose. Tais fenômenos podem ser mentais, corporais e da ordem da linguagem.

escrever. Esta paciente⁶ fora atendida durante o período de sua internação no Instituto Neuropsiquiátrico de Campina Grande – Clínica Dr. Maia, no ano de 2012.

Para tanto, serão abordados os seguintes pontos: introdução ao Complexo de Édipo; as psicoses; sobre o desencadeamento; as estabilizações; psicose e escrita; referencial metodológico; *“Um corte das palavras as vezes não é um sinal de algo?”*, este último abordando o material produzido pela paciente; e por fim, as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Considerações sobre o Complexo de Édipo

A psicanálise, pautada na regra fundamental anunciada por Sigmund Freud, qual seja, a regra da Associação Livre, e com sua ética, denominada por Lacan como a “ética do bem dizer”, visto que nela, é a palavra que produz um efeito operatório no tratamento, dispõe-se ao acolhimento da demanda de um sujeito em uma análise. Dispõe-se, então, a um trabalho junto às questões inconscientes envolvidas em um sintoma a fim de tornar-se analítico, ou seja, a fim de adquirir o caráter de questão, de enigma a ser decifrado.

Vê-se, pois, que a linguagem tem, via Associação Livre e demais formas de atuação do sujeito, grande destaque na Psicanálise; é a partir dela que se acredita poder vir à tona o sujeito do Inconsciente. E assim, dando primazia ao discurso do sujeito e tomando seu próprio percurso de investigação, Freud apontou para uma questão nuclear na clínica analítica – a castração envolta no Complexo de Édipo. Tomando por base, então, a questão Edípica, bem como as noções iniciais levantadas por Freud que embasam o desenvolvimento psíquico do sujeito, dentre elas, as etapas do desenvolvimento psicosexual, chega-se ao que Freud chamou de fase fálica. Essa fase se destaca pela primazia do falo, como subentendido em sua denominação; seria nela que a criança passaria pelo Complexo de Édipo, processo crucial para a “escolha forçada”⁷, da estrutura psíquica.

⁶ A paciente foi atendida por Juliana Fonsêca de Almeida Gama, autora do presente trabalho e, na época do atendimento, estagiária na referida clínica. Os arquivos referentes as produções escritas da paciente foram aqui, transformados em material de estudo à luz da teoria psicanalítica pautada em revisão bibliográfica sobre o tema Psicose e Escrita.

⁷ Expressão originalmente empregada por Lacan em seu livro “O Seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise” (1973).

Através dessas considerações, torna-se possível perceber que “o Complexo de Édipo revela sua importância como fenômeno central do período sexual da primeira infância” (FREUD, 1923). É nesse sentido que Lacan, retomando Freud, revitaliza a teoria do Complexo de Édipo concentrando, sobre este mesmo ponto, parte de sua atenção, embora, debruçando-se sobre a Função Paterna, tomando o pai como um operador lógico e estrutural, e trabalhando a distinção entre o que ele denomina: Simbólico, Real e Imaginário.

E assim, de acordo com as considerações de Julien (2002), para Lacan, no primeiro tempo edipiano, toda relação se passaria entre a criança, a mãe e o falo imaginário, uma vez que a criança buscaria como objeto de desejo, satisfazer o desejo da mãe; do Outro. A relação se passaria, portanto, entre a criança e o desejo da mãe – o *falo*. Neste momento adviria, pois, o *pai* real, no sentido mesmo da realidade do seu ser, sob uma presença ainda velada. Essa mãe, no entanto, deve atuar não só enquanto mãe, mas enquanto mulher desejante, a partir da qual fica instaurado, na forma de significante, o Nome-do-Pai, dando sentido ao seu desejo.

No segundo tempo, o pai interviria como privador da mãe, do falo simbólico, bem como do incesto, atuando assim, como lei para ela. Neste tempo, viria à cena o *pai imaginário*, ou seja, o pai, segundo Joel Dör (1994), tal como a criança tem interesse em perceber na economia de seu desejo e tal como consegue representar a partir do discurso que a mãe lhe sustenta. Diante dessa lei, a criança poria no pai a ameaça de sua castração. Com o terceiro tempo, por fim, surgiria o *pai real*, aquele que se revela como possuidor do falo e que, enquanto agente de uma castração simbólica, unifica o desejo e a lei, levando ao declínio do Complexo de Édipo (JULIEN, 2002).

É, então, a partir da relação entre a castração e a posição do sujeito frente a mesma, que Lacan, utilizando-se de categorias da psiquiatria clássica para criar o conceito de estrutura, pensa as estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão. Com essa referência, o diagnóstico estrutural torna-se um compromisso ético do analista com o inconsciente, fator que, na primeira clínica lacaniana, é tomado como a chave de uma análise.

Nesse ponto, cabe ressaltar que a psicanálise faz uso do diagnóstico estrutural no sentido restrito apontado por Quinet (2009), de servir de orientação para a direção da análise, sempre partindo da relação estabelecida pelo sujeito com a linguagem a partir do simbólico, ou seja, sempre sob a única técnica de investigação da qual dispõe – a escuta. O diagnóstico em psicanálise é, assim, conforme Oliveira (2008), uma

construção, e não uma classificação, “na medida em que só se sustenta a partir do discurso do paciente, e toma apoio na subjetividade do analista que ouve” (JOEL DÖR, 1994). Nessa perspectiva, tomando as estruturas clínicas, Lacan apresenta, de forma esquematizada, a seguinte lógica:

ESTRUTURA CLÍNICA	FORMA DE NEGAÇÃO	LOCAL DO RETORNO	FENÔMENO
Neurose	Recalque	Simbólico	Sintoma
Psicose	Foraclusão	Real	Delírio
Perversão	Denegação	Simbólico	Fetice

Fonte: Quinet, 2009.

Como se vê na relação feita na tabela acima e considerando o apontamento feito por Joel Dör (1994), de que é a partir do Édipo que o sujeito negocia sua relação com o falo, isto é, sua adesão à conjunção do desejo e da falta, sob a dinâmica do *ser* e do *ter*, tem-se na neurose que, “a estrutura edipiana se presentifica no sintoma que fornece um acesso à organização simbólica que representa o sujeito” (QUINET, 2009). Na neurose, portanto, o sujeito passa pelos três tempos do Édipo, no entanto, recalca o conteúdo do mesmo; conteúdo este que finda por retornar no Simbólico sob a forma de Sintoma. Na perversão, por sua vez, o sujeito, assim como o neurótico, passa pelos três tempos do Édipo, havendo, pois, a admissão da castração no simbólico; porém, há, concomitantemente, um desmentido. Na perversão, portanto, os fenômenos Edípicos retornam no Simbólico sob a forma de fetiche, apesar da denegação da castração.

Na psicose ocorre o que Lacan chamou de foraclusão⁸ do Nome-do-Pai, de forma que, o pai não é instaurado enquanto função simbólica, ou seja, enquanto metáfora paterna, não intervindo como Lei. E assim, tem-se que, para Lacan, segundo Evans (2003),

A psicose é definida como uma das três estruturas clínicas, sendo caracterizada pela operação da foraclusão. Nesta operação, o Nome-do-Pai não é integrado no universo simbólico do psicótico (é foracluído), com o resultado de que na ordem simbólica fica um buraco. [...] A estrutura psicótica resulta de certa disfunção do Complexo de Édipo, uma falta na função paterna; mais

⁸ Foraclusão é um termo jurídico que diz da abolição de um direito não exercido no prazo devido.

especificamente, a função paterna se reduz à imagem do pai (o simbólico é reduzido ao imaginário).

Na psicose, portanto, de acordo com Quinet (2009), o significante retorna no Real, apontando a relação de exterioridade do sujeito com o significante, ou seja, retomando Lacan (1955-1956), sua exterioridade em relação ao conjunto do aparelho da linguagem.

2.2 As Psicoses

O termo Psicose surgiu em psiquiatria no século XIX como designação da enfermidade mental em geral. Do fim do século XIX a meados do século XX, no entanto, foi aceita certa distinção geral entre psicose, enquanto forma extrema de enfermidade mental, e neurose, uma forma mais branda desta mesma enfermidade (EVANS, 2003). Com relação às psicoses, Freud, embora tenha contraindicado o tratamento psicanalítico e embasado sua clínica na neurose e, especialmente, na histeria, explorou exaustivamente todas as possibilidades com o intuito de explicá-la, findando porém, com relação a esta, a restringir-se às suas tentativas, não conseguindo dar conta desta clínica.

Em carta a Fliess, no ano de 1895, Freud fez menção a sua tentativa de estudar a psicose tomando-a enquanto paranoia fundada em ideias delirantes, e como um modo patológico de defesa, para o qual se esperaria certa predisposição psíquica característica. Nessa lógica, então, Freud concebia que, na psicose, enquanto resultante de um radical mecanismo de defesa inconsciente, o Ego, a serviço do Id, se afastaria do fragmento da realidade, o que acarretaria certa predominância do Id sobre esta e o conflito entre o Ego e o mundo externo. Para ele, enfim, haveria uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem sucedida na psicose do que na neurose.

[...] o eu rejeita certa representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como 'confusão alucinatória' [...]o conteúdo de uma psicose alucinatória desse tipo consiste precisamente na acentuação da representação que era ameaçada pela causa precipitante do desencadeamento da doença. Portanto, é justificável dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose (FREUD, p.64, 1894).

A diferença determinante na psicose seria, portanto, a concepção de que, o que é vivido como traumático não ganha uma representação capaz de favorecer o escoamento

energético ou a vinculação desse excesso a uma representação, de forma que, o fragmento desagradável da realidade que é rejeitado, finda substituído por um delírio.

Seguindo em suas investigações acerca da psicose, Freud, com o estudo do caso do presidente Schreber, em 1911, abriu a discussão sobre as estratégias de cura que os paranoicos podem construir, ratificando o aforismo do delírio como tentativa de cura, ou de solução nas paranoias⁹, de modo que haveria um movimento do paranoico por si mesmo, em direção à estabilização (GUERRA,2010). Neste novo estudo, Freud atenta para o dualismo amor-ódio como um mecanismo essencial da paranoia, sobretudo na forma dos delírios de perseguição, e estabelece outras características, a defesa contra o desejo homossexual. Para ele, a libido ou energia sexual, liberada pela frustração não permaneceria ligada a objetos na fantasia, mas se retiraria para o eu (GUERRA, 2010). “Na paranoia, a libido liberada vincula-se ao ego e é utilizada para o engrandecimento deste”¹⁰ (FREUD, 1911). Dessa forma, o domínio psíquico ficaria tomado por essa quantidade de libido que desencadearia a paranoia.

Uma resistência intensa a [...] fantasia surgiu por parte da personalidade de Schreber, e a luta defensiva que se seguiu, e que talvez pudesse ter assumido alguma outra forma, tomou, por razões que nos são desconhecidas, a forma de delírio de perseguição. A pessoa por que agora ansiava tornou-se seu perseguidor, e a essência da fantasia do desejo tornou-se a essência da perseguição (FREUD, 1911, p. 56).

Anos depois, avém Lacan, cujo interesse pela psicose, que constitui seu primeiro enfoque, é anterior ao seu interesse pela própria psicanálise. Em sua tese de doutorado, publicada em 1932 e intitulada “*Da Psicose Paranóica em suas Relações com a Personalidade*”, estudo que possivelmente o conduziu à Psicanálise, Lacan aborda o caso de uma paciente chamada Aimée, atendida por ele em Paris, no Hospital Psiquiátrico Sainte-Anne, quando ainda dedicado aos estudos da psiquiatria (EVANS, 2003). A partir deste caso, Lacan elaborou uma teoria inicial de que, em alguns casos de paranoia, o doente infligia-se uma punição de tal sorte que com esta cessavam seus delírios. A este quadro, deu a denominação de “paranoia de autopunição” (GUERRA, 2010).

⁹ Nesta datação, Freud não estabelecia, ainda, a relação entre neurose e normalidade, bem como não havia ainda um consenso quanto a denominação das psicoses, sobretudo, em sua relação com a paranoia.

¹⁰ Esta citação faz referência a noção depreendida por Freud de que a maioria dos casos de paranoia exhibe traços de megalomania, e que, esta última, pode, por si, constituir uma paranoia (*fixação no estágio do narcisismo*).

Na mesma época em que empreendia seus estudos do doutorado, ocorreu na França um crime que ganhou notoriedade e recebeu, também de Lacan, uma análise. Tratava-se do duplo assassinato cometido pelas irmãs Papin, que atacaram brutalmente a patroa e sua filha fazendo uso de utensílios domésticos. Durante a agressão, as irmãs chegaram a arrancar os olhos da patroa e tomá-los nas mãos, como uma espécie de proteção contra o seu olhar tomado como persecutório. Neste caso, Lacan tomou a passagem ao ato como uma tentativa de estabilização.

Lacan localizou nesse ato, enfim, uma tentativa de apaziguamento dos delírios que as rondavam. Não que ele o tenha defendido. Mas, certamente, pôde extrair as consequências clínicas da passagem ao ato na psicose, que pode ser pensada como uma tentativa de extrair aquilo que, em excesso, inunda o sujeito de imagens alucinadas e de sofrimento (GUERRA, 2010, p. 10).

Em 1954, aproximando-se de Freud e baseando-se em uma leitura da história do Homem dos Ratos¹¹, Lacan identifica a *Verwerfung*¹² como um mecanismo específico da psicose, no qual um elemento seria rechaçado fora da ordem simbólica como se nunca tivesse existido, e “o nomeia, em 1956, de forclusão, ou seja, como um sinal de alguma coisa que falta na relação com o significante na primeira introdução aos significantes fundamentais” (EVANS, 2003).

Em 1955-56, Lacan dedica seu seminário – *O Seminário: livro 3 - As psicoses* – ao estudo mais aprofundado das psicoses. Nele, aponta que Freud, em seus estudos, sublinha a que ponto as relações do sujeito com a realidade não são as mesmas na neurose e na psicose, sinalizando que o psicótico teria uma relação profundamente pervertida com a realidade, relação esta que pode se chamar delírio.

O que é o fenômeno psicótico? É a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema da simbolização – mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício (p. 105).

Ainda em seu Seminário 3, Lacan apresenta o seguinte questionamento: “*O que será o início de um psicose? Uma psicose tem, como uma neurose, uma pré-história?*”. E sobre isso completa que,

¹¹ O “Homem dos Ratos” foi o pseudônimo dado por Freud a um paciente que atendeu em 1907, e que representava um caso de neurose obsessiva clássica.

¹² Termo utilizado ao longo da obra freudiana de diversas formas.

Tudo parece mostrar que a psicose não tem pré-história. Mas acontece apenas que, quando em condições especiais que deverão ser precisadas, alguma coisa aparece no mundo exterior que não foi primitivamente simbolizada, o sujeito se vê absolutamente desarmado, incapaz de fazer dar certo a *Verneinung* com relação ao acontecimento (p. 107).

Na psicose, então, seria como se o sujeito fosse invadido por uma cascata de significantes e, no entanto, lhe faltasse a relação entre o significante e o significado evocada pela dimensão simbólica não inaugurada. Tal movimento, levaria o significante a retornar no Real, apontando, “a relação de exterioridade do sujeito com o significante” (QUINET, 2009). Assim prossegue Lacan em sua teorização, colocando que o sujeito, por não poder reestabelecer de maneira alguma o pacto com o outro, por não poder fazer uma mediação simbólica qualquer entre o que é novo e ele próprio, entra em um novo modo de mediação, na qual se produz de maneira “deformada” e, profundamente “a-simbólica”, o sinal central de uma mediação possível.

Nesse sentido, ainda no Seminário³, Lacan retomou o clássico estudo freudiano acerca da solução delirante na psicose, pondo seu olhar sobre o caso do presidente Schreber (GUERRA, 2010). Schreber foi um magistrado alemão que se deparou com um cargo impossível de ocupar – o de representante da lei. Diante da falta de recursos para a simbolização do significante da Lei, ele passa a ter alucinações que se estabilizam na ideia de ser a mulher de Deus para gerar uma nova raça de homens.

Partindo, então, do caso Schreber, Lacan nos evoca, em sua primeira clínica, ao entendimento de que a psicose estaria vinculada à forclusão do Nome-do-Pai, semblante fundamental (YELLATI, 2009). Tomando, pois, o Nome-do-Pai (NP) como o significante que promove a interdição da relação dual, que envolve o matema a-a' da relação imaginária; como o significante que permite ao sujeito se inserir na linguagem e articular sua cadeia significante, Lacan (1955-56) sublinha que, estando este foracluído, o sujeito ficaria envolto na relação especular, colado ao Outro materno, de forma que adviria o Outro sem a falta.

Assim, para o psicótico há também um grande Outro, mas é diferente do neurótico, para o qual há uma separação do Outro. O psicótico, antes e em oposição, está colado. Ele, portanto, não seria um sujeito em si, visto que, não inserido na lógica fálica determinada pela interdição instauradora da falta primeira, não é ele um sujeito desejante, representante último da falta-a-ser.

Segundo Kusnetzoff (1982), preso à relação especular, pautada em um Outro muito consistente que “*está dentro de mim*”; preso na Identificação primária, como se o Outro não fosse uma pessoa diferenciada, o psicótico estruturalmente parece ser tomado como o falo da mãe, de forma que, um terceiro, enquanto função paterna, não é apontado por esta, levando a criança à permanência no primeiro tempo do Édipo, não inserido no simbólico, mas sim, regido pelo registro do imaginário. Não instaurada a inscrição do Nome-do-Pai que permite ao sujeito interpretar o desejo da mãe, isto é, do Outro, em termos de significação fálica, a psicose delineia-se sob duas alterações: a ausência da Metáfora paterna (P_0 ; forclusão do Nome-do-Pai) e a ausência da significação fálica (ϕ_0)¹³, que resultam, de acordo com as elaborações da primeira clínica lacaniana, em índices de forclusão, ou fenômenos elementares.

Conforme exemplificação de Rosa (2000), com base em Lacan, Seminário 3, o Nome-do-Pai é como uma estrada principal, um significante incontestável. Na psicose, porém, haveria uma “rede de pequenos caminhos, sem que em parte alguma exista a estrada principal”. Nesse caso, para ir de um ponto a outro da rede, os usuários da estrada adicionam pequenos caminhos uns aos outros e “seguem letreiros postos na beira da estrada”. Os fenômenos elementares seriam, então, como letreiros à beira do caminho, desempenhando a função de “suporte” ao enganche deficiente do significante com as significações.

Segundo Miller *apud* Rosa (2000), os fenômenos elementares se referem ao registro do Real, do Simbólico e do Imaginário. Assim, os fenômenos do automatismo mental, ou da ordem do Simbólico, se caracterizariam principalmente pela irrupção de vozes e de discursos de outros na esfera psíquica do sujeito. Os fenômenos concernentes ao corpo, ou da ordem do Imaginário, denotariam, principalmente, decomposição, desmembramento, separação, estranheza com relação ao próprio corpo. Os fenômenos da ordem da linguagem, ou da ordem do Real, por sua vez, seriam relativos ao sentido e à verdade, manifestando-se, dentre outros modos, através do testemunho de experiências inefáveis e de experiências de certeza absoluta. Tais fenômenos seriam, portanto, o atestado do ponto no qual, aquilo que não foi simbolizado retorna no Real, fazendo advir os índices de forclusão.

Enquanto causação de índices de forclusão, a zerificação do significante fálico, ϕ_0 , implicaria, possivelmente, na formulação de ideias delirantes ligadas a sexualidade e

¹³ Designações dadas por Lacan, P_0 e ϕ_0 em seu texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1958);

ao corpo. Dessa forma, sendo, um “sujeito” não inserido na norma fálica, o psicótico delinear-se-ia como um sujeito *ex-sexo*¹⁴ (fora-do-sexo), não conseguindo, por consequência se situar na partilha sexual.

Por não ter acesso ao falo, significante que lhe traz efeito de significação sobre seu sexo, o psicótico se encontra numa problemática fora-do-sexo, pois, não tendo essa referência, ele não se situa na partilha dos sexos. O psicótico é um sujeito *ex-sexo*, no sentido de sua sexualidade situar-se fora de todo campo demarcável pelo simbólico. Assim, a questão homossexual da paranoia apreendida por Freud (1911/1996), em seu ensaio clínico sobre Schreber, é menos uma causa do que um dos efeitos da falta da inclusão do Nome-do-Pai no Outro. Trata-se, pois, de um fenômeno imaginário que em nada se assemelha à homossexualidade neurótica ou perversa, pois, sendo o psicótico *ex-sexo*, sua problemática não é homo, mas, como a situa Lacan, transexual, no sentido etimológico do termo: para além dos sexos (HENRIQUES, 2012).

O ϕ_0 , segundo Drummond (2000), se refere à ausência do significante da vida e do sexo, e é atestado, ainda por certas passagens ao ato (automutilações), certos tipos de disfunções corporais, ideias delirantes relativas ao amor, ao sexo e ao corpo, bem como a perda do “sentimento da vida”, seja pela ideia delirante de mortificação ou de cadaverização, chegando às vezes ao suicídio.

Sobre a ausência da Metáfora Paterna, o sujeito psicótico intenta construir uma metáfora delirante, enquanto um significante que, tal como o Nome-do-Pai, tenha a função de ponto de basta¹⁵, ou seja, ponto em que se atam entre si, significante e significado, induzindo efeitos de significação. Ela introduz, pois, uma ordem no significante, permitindo ao sujeito psicótico ter acesso à significação não-fálica, possibilitando assim, ainda que sempre precária, uma estabilização (HENRIQUES, 2012). A respeito do P_0 , lhe são atribuídas, segundo Drummond (2000), as alucinações e as alterações da linguagem, alucinações e alterações estas que, descritas no Seminário 3, vão do eco do pensamento até a língua fundamental – *alíngua* – passando por automatismos mentais, alucinações verbais, fenômenos do pensamento e palavras impostas.

Sobre este ponto, pode-se relembrar o “Caso Schreber”. Um parecer do diretor do sanatório de Sonnenstein, um dos últimos lugares em que Schreber ficou durante o tratamento, destaca fenômenos que põem em evidência o P_0 e o ϕ_0 :

¹⁴ Expressão utilizada, além em nota no capítulo VII de “O Seminário: livro 20 – mais, ainda” (1972-73), de Lacan.

¹⁵ Expressão introduzida por Lacan em “O Seminário: livro 3 – As Psicoses” (1955-1956).

No início da internação manifestava várias ideias hipocondríacas [...] Mais tarde se tornaram mais frequentes as alucinações auditivas e acústicas, que, ao lado de distúrbios sensoriais comuns, acabaram por dominar sua sensibilidade e seu pensamento: considerava-se morto e apodrecido, doente de peste, supunha que seu corpo fosse objeto de terríveis manipulações de todo tipo [...] Pouco a pouco as ideias delirantes assumiram um caráter místico e religioso: ele se comunicava com Deus, os diabos faziam das suas com ele, via ‘fenômenos milagrosos’[...] (FREUD, 1911, p. 18-19).

Há, em Schreber e na psicose, como ressalta Julien (2002), uma intrusão do significante, um discurso interior contínuo, insistente, enigmático.

O sistema delirante do paciente culmina na ideia de que sua missão é a de redimir o mundo e devolver à humanidade a beatitude perdida [...] Tem a sensação de que já penetraram em massa no seu corpo ‘nervos femininos’, a partir dos quais nascerão novos homens, por fecundação direta de Deus (FREUD, 1911, p.22-4).

Nesse sentido, ratifica Quinet (2009), partindo da ideia original de Freud, que na psicose aquilo que foi abolido dentro volta do lado de fora, daí que o significante retorna no Real, apontando a relação de exterioridade do sujeito com o mesmo. Para Lacan, portanto, poder-se-ia supor que, no caso Schreber, o Nome-do-Pai, que foi abolido no simbólico, retorna no real pela construção delirante de uma procriação, como resposta à invocação da função simbólica do pai.

Os fenômenos elementares, dizem, pois e enfim, do movimento de substituição do desejo da mãe que não se opera, de forma que, o gozo não se articula com o falo. Este “não-traçado” o que finda por produzir efeitos de uso da linguagem e o fracasso do processo metafórico que permitiriam a substituição e a criação de sentido (YELLATI, 2009).

Tais fenômenos, porém, surgem apenas sob o desencadeamento da psicose. Segundo Drummond (2000), este é um termo reservado à ausência do significante Nome-do-Pai, que conjuga, com base na primeira clínica de Lacan, uma causa acidental, qual seja, o encontro com Um-Pai, aquele que faz com que a mãe deseje além da criança. A dissolução do elemento estabilizador, ou seja, da identificação e a causa específica da forclusão do significante paterno, segundo Lacan *apud* Rosa (2000), solicita ao sujeito “responder no Outro a um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica”.

2.3. Sobre o desencadeamento

A noção de “desencadeamento” da psicose tem sua referência ligada à teoria lacaniana no tempo do seu estudo marcado pelo retorno a Freud, tempo em que, a paranoia constituía-se como a referência da investigação dos fenômenos da psicose. Os estudos lacanianos desta datação, conduziram a compreensão de que tudo parecia indicar que a psicose não tem pré-história, supondo, então, uma descontinuidade entre a eclosão da psicose e o tempo anterior a sua manifestação. Dessa forma, mesmo antes da eclosão de estranhamentos enfatizados pelos fenômenos elementares, já é psicose; psicose em sua estrutura fundamental. Nesse sentido, portanto, Evans (2003) coloca que “na psicanálise lacaniana é importante distinguir entre psicose, que é uma estrutura clínica, e fenômenos psicóticos, tais como delírios e alucinações”.

Para que a psicose desencadeie é preciso que “o Nome-do-pai, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito” (LACAN *apud* DRUMMOND, 2000), ou seja, faça triangulação numa relação que tinha por base o par imaginário a-a'. Esse significante que não responde no Outro, senão como um buraco, aparece alucinatoriamente no Real. Assim, aponta Rosa (2000), é quando Um-Pai vem no lugar em que o sujeito não pode chamá-lo antes, que pode ocorrer que os significantes “desentrem-se”, “soltem-se” no Real, pondo em evidência que, “na psicose, algo vem a faltar na relação do sujeito com a realidade”.

Uma exigência da ordem simbólica, por não poder ser integrada no que já foi posto em jogo no movimento dialético sobre o qual viveu o sujeito, acarreta uma desagregação em cadeia, uma subtração da trama na tapeçaria, que se chama delírio (LACAN, 1955-56, p. 108).

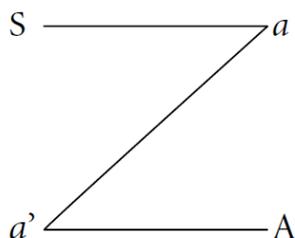
Lacan prossegue, então, com o questionamento “*Que é que entrevemos da entrada na psicose?*”, apontando que:

Senão que é na medida de um certo apelo ao qual o sujeito não pode responder que se produz uma abundância imaginária de modos de seres que são outras tantas relações com o outro com *a*¹⁶ minúsculo, abundância que suporta um certo modo da linguagem e da fala (p. 297).

¹⁶

Considere-se, segundo Lacan, o outro com um a minúsculo, como o outro imaginário, a alteridade em espelho, que faz o sujeito depender da forma do semelhante, posição que encerra a psicose.

De acordo com Guerra (2010), Lacan se vale de um esquema, conhecido como esquema L, para explicar a relação de oposição entre simbólico e imaginário nas psicoses.



No esquema acima, o sujeito, S, comparece como existência inefável, referida ao campo simbólico. O A diz respeito ao grande Outro, campo da linguagem, do tesouro dos significantes (GUERRA, 2010). A partir dele, a questão acerca da existência do sujeito se formula sob a forma de “*que sou eu nisso?*” – referente ao seu ser e ao seu sexo. O Outro se articula sob a forma de significantes particulares, que se ordenam em cadeia constituindo sua estrutura a partir da introdução do significado que neles deposita significação.

Há, portanto, uma alienação fundante do sujeito, S, em relação ao campo do Outro, A. E é a partir dessa relação simbólica que ele se estabelece como eu, a' , e pode, então, investir nos objetos, a . Assim, a relação a - a' , imaginária e especular, na qual o sujeito se projeta, apoia-se e se opõe, ao mesmo tempo, à relação simbólica S-A, decorrente do atravessamento edípico e da incidência da lei paterna. Operação necessária para a separação do sujeito do campo do Outro, ao preço de uma perda fundamental sob a qual o sujeito constrói uma posição, uma resposta para o enigma de seu ser. Essa perda diz respeito [...] ao ponto sobre o qual o sujeito se perde de si mesmo e parte, então, para significar-se no campo do Outro, condicionado pelo desejo materno que o antecede e pela incidência, nele, da lei da linguagem veiculada pelo Nome-do-Pai. [...] É exatamente essa operação que não se realiza nas psicoses. Essa condição fundante, estando ausente, achata o esquema L, fazendo coincidir o sujeito à imagem de si (S- a'), e o Outro aos objetos (A- a) com os quais se relaciona [...] ausência estrutural do Nome-do-Pai, sua não operatividade no Édipo, provoca, como efeito, uma coincidência entre os campos do imaginário e do simbólico, como se o ser se resumisse ao seu organismo ou à sua própria imagem (GUERRA, 2010, p.33-35).

A problemática do desencadeamento, portanto, a partir da primeira clínica de Lacan, está ligada, segundo Drummond (2000), à pertinência ou não do significante paterno ao conjunto dos significantes, de forma que, se se apresenta certa insuficiência do Pai para garantir o Outro, para regular o gozo pela lei e pelo ideal, as conjunturas do desencadeamento dirão, justamente, do encontro com “um pai Real, não forçosamente,

em absoluto, o pai do sujeito, mas Um-pai” (LACAN *apud* DRUMMOND, 2000). Assim, ali onde o sujeito tomaria o Nome-do-Pai, cerne da significação fálica no campo do Outro, condição de simbolização, encontra-se a ausência, um vazio enigmático e a intrusão de um gozo fora de qualquer racionalidade. Essa intrusão, enquanto causa, segundo Lacan (1955-1956), aciona a cascata de remanejamentos significantes até que seja atingido o ponto em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante.

No Seminário 3 – *As Psicoses*, Lacan apresenta condições do desencadeamento na clínica estruturalista. Para ele, a primeira condição do desencadeamento seria o acidente no registro da linguagem que implicaria na forclusão do significante do Nome-do-Pai, o que provocaria um fracasso da metáfora paterna e um sujeito habitado pelos fenômenos de linguagem característicos da psicose. O segundo aspecto diria respeito à quebra da identificação imaginária que manteria o sujeito articulado a uma imagem. O terceiro aspecto estaria relacionado a convocação do Nome-do-Pai foracluído em oposição simbólica ao sujeito. Esta condição, de acordo com Drummond (2000) e Guerra (2010), diz da necessidade de que esse Um-pai venha no lugar em que o sujeito não pode chamá-lo antes.

Desencadeada, enfim, a psicose, o sujeito começa a trabalhar no sentido de certa reconstrução da sua relação imaginária, ou seja, no sentido da estabilização. Diante dessa questão, então, Lacan observou que o psicótico, tanto quanto o neurótico, recorre ao sintoma para tratar o Real pelo Simbólico. No entanto, o psicótico o faz, de forma precária, através de um *Sinthoma*¹⁷, sob a forma de uma estabilização ou suplência, em uma solução particular. Ele observou, ainda, que, se o que amarra o sujeito na neurose é o Nome-do-Pai, a ausência simbólica desse nome na psicose pode desencadear o surto psicótico, desestabilizando o elemento qualquer que amarrava a estrutura.

¹⁷ O sintoma foi inicialmente concebido por Freud como a expressão do recalado, em uma solução de compromisso, como um enigma a ser decifrado. Para ele, o sintoma, fonte de satisfação, desapareceria quando o sentido do recalado se tornasse consciente (sintoma-mensagem). Lacan, em sua primeira clínica, em um retorno à Freud, aponta o sintoma como “o significante de um significado recalado da consciência do sujeito”, um sem-sentido por representar alguma irrupção de verdade (LACAN *apud* Dias, 2006). Lacan prioriza, ainda, a noção de Sintoma enquanto estruturado como linguagem. O *Sinthoma*, por sua vez, expõe Lacan em seu “O Seminário: livro 23 – O Sinthoma”, é o singular do indivíduo. Ele não desaparece, há que se viver com ele, e ao final de análise não padecer dele, mas tomá-lo ao seu favor.

2.4 Estabilizações

No tocante às possibilidades de cura¹⁸ nas psicoses, Freud lançou dois enunciados que orientam a investigação psicanalítica até hoje, quais sejam:

a) em relação ao mecanismo estrutural da psicose, Freud afirma que “aquilo que foi abolido internamente retorna desde fora”. O que permitiu a Lacan, décadas depois, afirmar que, na base da psicose, seu mecanismo não se resume a um recalque por projeção, mas a uma operação muito mais radical que ele denomina forclusão; b) e, em oposição a uma interpretação fenomenológica da psicose, Freud subverte sua leitura apontando que “a formação delirante é uma tentativa de restabelecimento”, e não a enfermidade propriamente dita, como era interpretada até então. Donde Lacan afirmar, textualmente, que não é de déficit que se trata na psicose, mas de produção de resposta. Para Lacan, “a liberdade que Freud se deu aí foi simplesmente aquela [...] de introduzir o sujeito como tal, o que significa não avaliar o louco em termos de déficit” (GUERRA, 2010, p.22).

Tomando por base a afirmação de que, na psicose, o conteúdo que foi internamente abolido retorna fora, fala-se de uma representação primordial que, neste sujeito, não encontra meios de significar-se. A posterior (re)construção de seu mundo interno, realizada através do trabalho delirante, é percebida por Freud como uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução, ainda que fragilizado. Dessa forma, a questão crucial da psicose não seria, pois, a perda da realidade, mas aquilo que vem substituí-la. É nesse sentido, portanto, que Guerra (2010) aponta que se deve seguir os caminhos que o próprio sujeito encontra para tratar daquilo que escapa na sua condição de ser falante, considerando, para tanto, exatamente a maneira como cada sujeito irá, num segundo momento, recompor essa relação com o exterior.

Em Lacan, na primeira clínica, atrelados ao ponto referido como desencadeamento, ou seja, ponto em que se abre para o sujeito psicótico um buraco no simbólico, um vazio no centro da cadeia significante, estão os já apontados “fenômenos elementares”; fenômenos que, para ele, advém da tentativa insistente e constante do sujeito de construir algo que faça suplência a um chamado à castração, no sentido de alcançar a estabilização subjetiva.

De acordo com Jacinto e Costa (2011), ao longo do ensino lacaniano e em releituras deste ensino, encontram-se diversas terminologias para tratar das estratégias de estabilização nas psicoses, dentre elas: solução, suplência, amarração, *sinthoma*,

¹⁸ Denominação utilizada por Freud, e retirada, neste caso, do seu texto “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*)” (1911).

estes três últimos relacionados, de acordo com Alvarenga (2000), à um nome da estabilização onde não houve um desencadeamento. Para além da multiplicidade terminológica, encontram-se ainda diferentes formulações quanto a esta questão, dentre elas, as referidas autoras destacam o termo *suplência* utilizado no sentido de suprir a forclusão do Nome-do-Pai. Posteriormente, em “O Seminário: livro 23 – *Sinthoma* (1975-76)”, o termo é retomado por Lacan no sentido de um suplemento, de um algo a mais, uma invenção do sujeito; mas isso já diz da segunda clínica.

Ainda sobre este assunto, Alvarenga (2000) lança uma hipótese-eixo – hipótese da estabilização como “uma intervenção que circunscreve, localiza, deposita, separa ou apazigua o gozo, correlativa de uma entrada em algum tipo de discurso, por mais frágil que ele seja”. A autora aponta também, que em um primeiro momento, diante da tese de Lacan sobre a paranoia, poder-se-ia dizer que a estabilização se dá pela via da passagem ao ato de agressão ao outro, sob o paradigma da chamada *autopunição*, onde o sujeito atinge a si mesmo, especularmente (a-a’), ao atingir o outro. Em um segundo momento, afirma Alvarenga (2000), poder-se-ia supor o modelo de estabilização em Lacan a partir do estudo da metáfora delirante construída por Schreber, tomando-se a estabilização, portanto, enquanto uma *solução elegante*¹⁹. Partindo deste caso, percebe-se que o sujeito pode “restaurar a realidade” pela colonização de ϕ_0 , com figuras estereotipadas às quais o sujeito se identifica, e de P_0 , pela construção da metáfora delirante ou de objetos produzidos pelo sujeito, como, por exemplo, escritos.

Neste último caso referente a produção de objetos, à exemplo dos escritos, Alvarenga (2000) conclui que tem-se duas possibilidades: o escrito literário, que veicula sentido, e a produção da letra, que é da ordem do real, do sem sentido. Ainda sobre os escritos, a autora se questiona sobre o que fazer com os escritos do psicótico; questiona se se deve ou não fazê-los falar deles. E a este respeito aponta

O escrito é a base sobre a qual um discurso pode se estabelecer. Pouco importa se o sujeito fala ou não sobre o conteúdo de seus escritos, o que importa é que o escrito tenha o lugar de um S_1 , a partir do qual uma cadeia pode ser construída, cadeia que faz algum tipo de laço com o Outro (p. 20).

Por fim, Alvarenga (2000) destaca que as estabilizações são multiformes, precárias, instáveis, o que vai de encontro a afirmação de que, para além da construção

¹⁹ Terminologia utilizada por Lacan em seu livro *Escritos* (1966).

delirante, supõe-se inúmeras as saídas possíveis de serem encontradas pelos psicóticos em suas tentativas de estabilização. Dessa forma, prosseguem as autoras, “o delírio é uma via, dentre outras, de localização na psicose [...] nem todos os psicóticos farão uso deste recurso, e mesmo os que o fazem, não necessariamente encontrarão êxito por esta via”.

Se o que amarra o sujeito na neurose é o Nome-do-Pai, a ausência simbólica desse nome na psicose pode desencadear o surto psicótico. Antes do desencadeamento, um elemento qualquer amarrava a estrutura. Diante de uma situação insuportável [...] o fragmento é rejeitado. Porém, se o que é rejeitado também é abolido internamente, apresenta-se um furo na estrutura psíquica que não pode ser recoberto pelo Nome-do-Pai. O que foi abolido retorna como fenômeno no real, sem mediação simbólica. Na medida em que algo pode ser reconstruído, por exemplo, delirantemente [...] o quadro pode se estabilizar novamente [...] não significa necessariamente a sua devolução ao Nome-do-Pai, pois este é ausente no simbólico na psicose, mas sua devolução a um significante qualquer que venha exercer uma amarração e um bordejamento ao furo aberto pela forclusão desse significante (ALVARENGA, 2008).

É tomando, então, o caráter particular de cada saída, que Lacan aponta, na psicose, uma especificidade no que se refere a posição de analista – posição de Secretário do Alienado, percebendo um tratamento possível para as psicoses, pautado no “ao pé da letra”. A proposta da psicanálise diante da psicose é, portanto, escutá-la, tomando as tentativas de estabilização como um campo de significação que “organiza um significante” para o sujeito. O lugar possível ao analista é, então, o de “secretário do alienado”, visto que, não é uma posição de contestação da certeza do psicótico, mas sim de acolhimento e escuta, ofertando-se como uma via de sustentação; via de mediação como semelhante.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

A metodologia científica em Psicanálise confunde-se com a própria pesquisa, ou seja, a psicanálise é uma pesquisa (NOGUEIRA, 2004). Esta afirmação, bem como a pesquisa em Psicanálise, parte da noção dos três caracteres analíticos indissociáveis enumerados por Freud, quais sejam: a psicanálise enquanto tratamento; enquanto pesquisa; e enquanto uma teoria psicológica. Partindo então desta noção, Nogueira (2004) evoca-nos ao entendimento de que não se pode pensar em pesquisa psicanalítica a não ser na relação analítica, visto que, se tomarmos a teoria psicanalítica e tentarmos

aplicá-la fora da relação analítica, não estará sendo feita psicanálise, mas sim pesquisa experimental.

Nesse sentido, portanto, o presente artigo foi construído com as limitações da transmissão, visto que se delineaia certa hiância entre a experiência original e sua transmissão. Nele foi realizado um traçado teórico pautado em uma breve revisão bibliográfica, em sua relação íntima com a clínica voltada à nuance da escuta psicanalítica, considerando, para tanto, que a partir da escuta torna-se possível o resgate da singularidade do sujeito, como sinaliza Alonso, em concordância com Lacan (1979), que aponta ser preciso estar atento ao que se ouve e ter curiosidade em sua escuta.

Uma coisa é a experiência que Freud (1905/1972) teve na relação com a Dora, um caso de histeria, e outra coisa é o que ele escreveu sobre a experiência. Então, para que serve essa transmissão? Ela é a única maneira que nós temos de nos aproximar dessa realidade, que é o inconsciente, que Freud descobriu, e para o qual inventou um método de investigação. Mas esse método mostra, justamente, a nós, os limites disto - os limites entre a consciência e o inconsciente. Não há possibilidades de se reduzir uma coisa à outra. (NOGUEIRA, 2004)

E assim, a partir destas condições e dos objetivos do presente trabalho, propusemo-nos a realizar um estudo qualitativo, através do levantamento das bibliografias disponíveis em livros, artigos científicos do site scielo, revistas eletrônicas como a CliniCaps e a HCE, dissertações e teses disponíveis na internet e revistas impressas, como a revista Curinga. Tal levantamento foi realizado no período que compreende novembro de 2012 a agosto de 2013.

Concomitantemente à revisão bibliográfica, visando desenvolver a noção de escrita dentro da psicanálise, sobretudo, a partir da estrutura da psicose definida pela maneira como o sujeito se relaciona com o significante, foi realizada a observação de um material escrito por uma paciente psicótica internada no Instituto Neuropsiquiátrico de Campina Grande/Clínica Dr. Maia, no ano de 2012. Esta observação e uso do material para fins da construção deste artigo só foi iniciada após a devida autorização por parte de sua mãe, responsável legal pela mesma durante sua internação, bem como por parte da própria paciente e do hospital.

Junto à solicitação da autorização propôs-se e firmou-se o respeito à confidencialidade e ao sigilo, através do não uso de informações que permitissem a identificação da paciente, de forma a garantir sua privacidade e seu anonimato.

4. PSICOSE E ESCRITA: FRAGMENTOS DE UM CASO CLÍNICO

A escrita, desde Freud e Lacan, esteve presente na construção e no desenvolvimento dos conceitos psicanalíticos. Tal presença se deu tanto no que concerne a produção e a transmissão dos conceitos, como através da escrita literária a partir do fazer psicanalítico.

A escrita, portanto, desde Freud, em sua obra “A Interpretação dos Sonhos” (1900), tomou um lugar de destaque. Neste contexto, Freud trouxe à tona, pela primeira vez, certa metáfora da escrita, comparando o sonho a uma escrita hieroglífica²⁰ que requer decifração. Assim, por escrita inconsciente passou-se a ver aquela que não se dá a ler, pondo em evidência o limite da interpretabilidade, embora ligada a todo um sentido. Essa teoria é crucial na Psicanálise, na medida em que mostra, de acordo com Rego (2005), que a imagem ou a própria letra deve ser isolada de seu contexto e referida a outro, sendo esta a operação principal da interpretação – causar a exposição de outra cadeia.

Lacan, por sua vez, explorou detidamente conceitos freudianos e propôs novos passos a partir daqueles, inclusive, frente à escrita²¹. Segundo Sauvagnat apud Guerra (2009), Lacan trabalha a questão da escrita em toda sua obra, chegando, na década de 1960, com referência em Freud, a tomá-la a partir do traço unário, dando-lhe, portanto, o caráter de marca primeira no surgimento do sujeito. Esta marca inscreveria uma diferença a partir da qual o sujeito pode se contar, possibilitando a identificação simbólica. O traço unário seria, pois, a marca primeira do surgimento do sujeito a partir do significante, traço que se situa como marca distintiva e não se traduz. (RINALDI, 2008). Tal traço teria que dar conta da inscrição do Nome-do-Pai, visto que este seria aquele que resumiria o processo de escrita.

Lacan considera, então, em sua primeira clínica, que o movimento originário da escrita consistiria em impor sobre a linguagem vocalizada uma bateria de traços diferenciais de origem externa, ou seja, na criação de um conjunto de elementos diferenciais impostos sem nenhuma significação na linguagem humana (GUERRA, 2009). O fenômeno da escrita consistiria, então, no apagamento do sentido e na aplicação de uma bateria de significantes, que Lacan chama de traço unário.

²⁰ O Hieróglifo corresponde ao uso de sinais enigmáticos na escrita de antigas civilizações.

²¹ Este conteúdo é mais profundamente abordado a partir da segunda clínica de Lacan e de sua leitura de “Ulysses” (1921), da autoria de James Joyce.

Em seu livro “O seminário: livro 20 - Mais, ainda” (1972-1973), Lacan prossegue falando sobre a função da escrita e pontua que o escrito não é para ser lido, visto que entre o que se escreve e o que se lê há um abismo, certa hiância. “A leitura parte de quem lê, e o escrito de quem o escreve” (SOBRAL, 2008). Esta assertiva põe em evidência a separação de um sujeito do outro, de dois inconscientes, de forma que, é a partir do registro de cada um – sua *lalangue* – que o sujeito lê o escrito e o escreve. A função da escrita, no ensino de Lacan, portanto, opõe-se ao sentido e à compreensão, visto que, está ligado ao traço unário (SOBRAL, 2008).

Ainda se referindo a escrita e agora relacionando-a à psicose, Sobral (2008) destaca:

Um sistema de linguagem que pode, por seu caráter fixador e organizador, servir ao psicótico como uma suplência. Dizemos “um” porque [...] não há limite para a suplência. Sendo da ordem de uma invenção ela é particular. Muito embora um mesmo recurso, como no caso da escrita, possa ser utilizado como suplência por diferentes sujeitos, não há garantias a priori, é o que o sujeito vai fazer desse recurso que dará a este o estatuto (ou não) de suplente. A função da escrita para o sujeito psicótico se distingue, em muito, da função de um texto para ser lido e interpretado, Mandil (2003) ressalta que a demanda de interpretar, na psicose, é instituída pelo próprio autor. É ele quem traz, por meio de seu escrito, uma auto-interpretação do inconsciente em que, o que não pode ser representado, pode, no entanto, ser escrito. Escrevendo, o sujeito pode renomear as coisas, acreditando, quem sabe que os nomes não são nomes, mas as coisas mesmas, em sua singularidade, em sua corporeidade, em sua matéria bruta. O psicótico permanece, de certo modo, irremediavelmente assujeitado a esse mundo de palavras que parece falar através dele, diz Lúcia Castello Branco (1998) em seu livro *Coisa de Louco*. A escrita na psicose pode se constituir em uma tentativa de cura, uma possibilidade de afastamento do gozo invasivo e total do Outro da linguagem. Escrevendo é possível, para o sujeito, muitas vezes, extrair um pouco deste gozo avassalador e dar um contorno ao ilimitado do corpo. O sujeito pode colocar no real da escrita, na sua função de significante, um gozo que escapa à mediação da palavra e que precisa ser contido por meio de um ato, um ato do sujeito, permitindo ao psicótico sair da posição de objeto (p.33).

Ao psicótico faltou, conforme a construção da primeira clínica lacaniana, uma sustentação simbólica, qual seja, o Nome-do-Pai, ocasionando um mundo constituído sem anteparo e tomado por um excesso de Real. Dessa forma, a comunicação fica prejudicada, as palavras não têm a função simbólica para representar as coisas, as palavras têm, antes, peso material, o que torna, muitas vezes, insuportável falá-las (SOBRAL, 2008).

O psicótico não usa o artifício da fantasia, do disfarce significante. Sua escrita, portanto, revela-se um paradigma. Não serve, literalmente, à compreensão. A letra é tomada, muito simplesmente, ao pé-da-letra e, ao escrever, o psicótico

marca o papel com seu ser, numa tentativa de dizer o indizível, a partir de uma língua que lhe é própria e singular, a lalange [...] A letra é o suporte material da escrita [...] A escrita permite que o sujeito possa deixar de ser o que é para ser outra coisa diferente do que vem sendo, permite sair da condição de objeto, podendo escrever modos de ser [...] se o neurótico se serve do Nome-do-Pai [...] habitando o sistema da língua, o psicótico, ao utilizar a escrita [...] pode se inscrever em um sistema de linguagem, a própria escrita, que o permita situar-se no campo social, fazendo laços à sua maneira, sabendo o que fazer com sua lalange. A escrita diz de algo que vai além das marcas no papel, a escrita indica a marca de um sujeito (p.59-60).

Abra-se, pois, a partir da interlocução psicose e escrita, a possibilidade de tomar esta última como um delírio que permite a construção da história do sujeito, ou ainda, como ponto de basta, que barra o sujeito marcando-o com a palavra. “Escrever então parece ser uma saída para o sujeito psicótico [...] ao escrever, inscreve-se ali um sujeito” (SOBRAL, 2008).

4.1 *“Um corte das palavras às vezes, não é um sinal de algo?”²²*

A paciente M.S, professora e mãe de dois filhos, em uma de suas crises psicóticas em que se encontrava internada, soltou um grito, enquanto estava na contenção: “*Cortaram o meu pênis, você não está vendo?*”, tomada pela angústia evidenciada no real do corpo. Após certo período de internação, quando se encontrava de certa forma apaziguada e fora chamada a uma escuta psicanalítica, a paciente pôs-se a falar de sua história.

M.S contou sobre seus dois filhos e sobre a infelicidade de ter sido traída pelo amor da sua vida. Segundo a paciente, a primeira vez que adoeceu (SIC) foi quando, grávida de sua filha, o amor de sua vida colocou veneno para que sofresse um aborto, a mandado de seu sogro. Revoltada diante da situação, M.S relatou que conseguiu não abortar e que, logo após o nascimento de sua filha foi acometida por uma depressão pós-parto. Desde então, vem passando por sucessivas internações e acredita que seu sogro tornou-se um homem bom, o único que acredita nela.

Um dado interessante destacado por sua mãe na ocasião da visita familiar, é que a família verificou que em meados dos surtos, M.S agride a filha, mencionando atrocidades contra a mesma durante a noite, bem como se põe a escrever. Diante destes dados, evoca-se a questão da escrita como uma tentativa ou ainda, como uma movimentação de M.S, no sentido de uma estabilização.

²² O título deste artigo, bem como desta sessão, advém de um dos escritos da paciente M.S, cuja escrita põe-se em questão aqui.

As mencionadas visitas familiares eram regularmente acompanhadas por sua mãe, que se fazia presente lhe amparando, alisando seus cabelos, cortando suas unhas, dando-lhe lanches e fazendo sua depilação, com palavras de carinhos, como uma cena a ser vista, uma cena exposta da relação especular. Esta mãe, ainda presenteou cada funcionário da clínica onde sua filha se encontrava com um presente que portava o nome próprio de cada um deles, complementando, no ato da entrega, com as seguintes palavras: -“*A missão de vocês é linda, é como a missão de um anjo. Que Deus os abençoe!*”.

Diante desta mãe “psicotizante”, que em seu histórico havia se envolvido com um homem casado, fora traída e conseguira criar sua filha sozinha, uma “heroína vitoriosa” (SIC); uma mãe que é “toda”, que anuncia aquilo que a filha precisa, evocando-a como o “*bebezinho de mamãe*”, M.S se põe angustiada pela raiva, vergonha e medo que sua filha sente dela, não se recordando do ocorrido antes do surto. “*Linda, mas teimosa, porque não entende e não atende a mãe, que já passou pela fase da vida em que ela está passando e fica se expondo e fazendo besteira*”. Parece, então, se delinear uma cena embarcada por uma tríade a ser vista, onde a filha de M.S parece se insere como um terceiro na relação especular “mãe de M.S – filha M.S”, inserção esta, para qual M.S não apresenta recursos simbólicos que deem conta.

Em contato com a mãe da paciente, após uma sessão de “diário” na qual M.S escreveu sobre o começo de sua história, datada da sua entrada na universidade, foi solicitado que a mesma trouxesse à clínica os escritos de sua filha. A mãe, então, enviou alguns escritos, mencionando ter muitos, pois M.S não parava de escrever. Dentre os escritos recebidos, encontra-se um caderno que parece desempenhar a função de “diário”. Este caderno se apresenta sob a forma de resto, visto que se delineia em um material outrora utilizado para outros fins, com folhas rasgadas e letras diversas e dispersas. A respeito deste material questiona-se: que estatuto seria esse de resto dado pela paciente à seus escritos²³? Seria uma significação?

Observando a escrita de M.S no diário, vê-se que a mesma o preenche com riscos em páginas inteiras; cortes nas páginas; escritas na capa; bilhetes; recados; cartas; confissões, desenhos. Em meio a construções que representam cortes; cortes nas frases, que não se apresentam lineares; cortes nas palavras que, em algumas passagens

²³ Este estatuto de resto aparece em outros escritos de M.S que se fazem em guardanapos, panfletos, pedaços de papel, etc. Além disso, alguns foram guardados pela paciente em um rolo de “plástico filme transparente”, por si, uma estrutura furada, ou ainda, em envelopes de toalha de papel.

aparecem apenas em pedaços; M.S lança um questionamento “um corte das palavras às vezes, não é um sinal de algo?” – “*A verdade tem pernas curtas assim como Jesus nos ensinou, fui uma professora dedicada aos meus alunos... um corte das palavras às vezes, não é um sinal de algo?*”. Esta construção atravessada pelo Real, traz à tona um corte ao pé da letra, na marca do papel repleta de delírio, confirmando seu inconsciente a céu aberto.

Em resumo, poder-se-ia dizer, o psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, ele dá um testemunho encoberto que é preciso decifrar. O psicótico, no sentido em que ele é, numa primeira aproximação, testemunha aberta, parece fixado, imobilizado, numa posição que o coloca sem condição de restaurar autenticamente o sentido do que ele testemunha, e de partilhá-lo no discurso dos outros (LACAN, 1955-56, p. 156-7).

A escrita de M.S reflete também sua angústia diante de sua relação com sua filha. Tal angústia parece um movimento ou uma tentativa de lidar com um possível fator desencadeador, que a convoca a dar conta de uma posição para a qual não dispõe da sustentação simbólica, qual seja, o Nome-do-Pai. Assim, a paciente endereça recados a esta filha, à qual trata, em todas as páginas, na forma do diminutivo e que possui um nome composto, sendo um deles a repetição de seu nome: “*S. parabéns pelo seu dia te amo tua mãe que te quer bem Ass: M.S*”; “*S. você não saber dar valor das coisas boas da vida...*”.

Além da filha, há outro endereçamento que aparece nos escritos de M.S: “*Maiinha fui para missa te amo muito M.S*”; “*Mainha sou feliz porque te amo suas comidas são as melhores do mundo não te troco por nada na minha vida...*”; “*Mainha eu te amo muito sinto muita saudade de todos daqui, quando estou longe... Quero dizer perto de ti, sinto uma filha muito feliz todo mundo na rua está feliz, mas não se lembra de Deus!*”.

Tomando o endereçamento feito pela paciente como uma tentativa de encontrar um lugar, estabelecer certo laço social e ainda, separar-se do Outro, pode-se considerar conveniente a afirmação de Alvarenga (2000), de que a escrita das letras do psicótico não é em si mesma um significante estabilizador, a não ser que suporte sobre si um outro significante produzido pelo sujeito, e que tenha um endereço. É, pois, o que parece evidenciado na escrita da paciente em questão, uma escrita endereçada, quando não à sua filha ou a sua mãe, a um outro indeterminado, que parece ser representado

pelo próprio diário e/ou por si mesma, ao qual se justifica com assertivas, em uma estrutura dialógica – *“Amo meus primos ♥ coração... A final de contas eles são minhas família...Eu sei que quando a gente mente pera as pessoas tem pernas curtas!!! Ne verdade! O senhor deixou o muito para nos para seguir a minha batalha... Aí que saudades do dia do 1º aninho da minhafilha, não tive o direito de sair nas fotos mais tem não problema Amo minha madrinha de coração... Amo também meus afilhados de ♥”*.

Vê-se, novamente, no fragmento transcrito acima o corte das palavras e das ideias, o que parece remontar a construção lacaniana de que na psicose haveria uma “rede de pequenos caminhos, sem que em parte alguma exista a estrada principal”. Nesse caso, para ir de um ponto a outro da rede, os usuários da estrada adicionariam pequenos caminhos uns aos outros e “seguiriam letreiros postos na beira da estrada”. É, portanto, como se cada nova construção de M.S apontasse um novo pequeno caminho na busca pelo delineamento de uma metáfora delirante que possa favorecer a estabilização.

Durante sua fala, assim como em seus escritos, a paciente entrega repetidamente sua vida à Deus, embora que, no momento seguinte, retome seus anseios à par da vontade divina, esperando reencontra-se com o amor da sua vida, como se em uma relação erotomaniaca com este último. M.S parece, pois, permanecer colada, transparecendo proximidade e solidez nesta relação. *“M. e J. são filhos de J. homem da minha vida, sei que ele o o 1º de tantos...”*. Após a escrita sobre o amor da sua vida, M.S prossegue: - *“namorados que tive, pede ajuda... E os ambiciosos só pensam em si mesma... Eu sei que precisamos trabalhar para adiquirir sustentar nossa família... É tudo na vida! O trabalho por isso estou pronta”*. Este último recorte, no qual evidenciam-se, mais uma vez, as ideias fragmentadas, M.S deixa escapar um “pede ajuda” que deixa a questão, novamente, da escrita em seu caráter de recurso a uma estabilização.

Dando sequência a esta ideia da escrita como um via para estabilização, pode-se supor que M.S, em sua menção a Deus, traz à tona certa tentativa de dar conta do mencionado significante foracluído – Nome-do-Pai. *“Deus é pai não é filho, ele é nosso Pai...”*. Sobre este Pai, M.S escreve outras passagens, como: -*“Conheci um o melher bonita, filha não mãe de R. e R., o nome do pai dela era M. lembra meu amor...Para o vestibular você tem que batalhar muito, temos muitos muitos livros para ler e pesquisar...”*. A partir deste escrito advém a seguinte questão: o amor da vida de M.S

teria que relação com o significante Pai? Esta questão se coloca em decorrência do interesse demonstrado pela paciente quanto ao nome do pai dos filhos da mulher que conheceu; nome este que lembra seu amor, pai dos seus filhos. Estaria aí também em destaque o traçado de M.S em direção ao delineamento de uma suplência ao Nome-do-Pai?

Além dessa referência ao Nome-do-pai, pode-se, com base no mesmo fragmento, observar a confusão entre o “significante mãe” e o “significante filha”, quando M.S escreve “*filha não mãe*”. Este ponto parece evidenciar a confusa posição que ocupa na relação com sua mãe e sua filha; uma posição que ora a prende à relação especular, ora desarticula sua identificação imaginário. A paciente parece, então, estar as voltas com o “Um-Pai” insuficiente para promover um corte na relação imaginária.

Retomando a relação e a recorrência do significante “Deus”, bem como “Jesus Cristo”, na escrita e na fala da paciente, e tomando a seguinte passagem: - “*Quero ser feliz ao lado dos meus filhos... Jesus pediu comer na minha porta um rapaz em forma, e eu não lhe dei de comida hoje... A meus amigos mais todos viram o rosto quando eu os cumprimentos...*”; observa-se a intertextualidade com a passagem bíblica em Apocalipse (3:20): “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo”, no entanto, o entendimento deste texto se passa para a paciente sob égide do Real, diante da impossibilidade de metaforização.

Como se dá, então, o pacto do psicótico com a linguagem? Há uma falha na inscrição do Outro da linguagem, o código. Um desamparo frente à linguagem enquanto impossível de significar, o que vai deixar marcas sobre o próprio funcionamento da linguagem [...] na psicose, significante e significado são a mesma coisa, estão colados. A palavra é a coisa mesma. É de uma posição de assujeitamento, onde o inconsciente está a céu aberto [...] Na neurose com o significante ordenador, Nome-do-Pai, o sujeito se organiza. O que na psicose não acontece, fazendo o psicótico testemunhar no real das alucinações a impostura da linguagem. “As palavras querem me ser”, diz Manuel de Barros. [...] A palavra do psicótico, não tem mediação. É ao “pé da letra”. Aparece em uma total materialidade, de uma forma absoluta e enigmática, onde a palavra e a coisa são uma só, cheias de sentido (SOBRAL, 2006, p. 2482).

A paciente, na referida passagem escrita em seu diário, parece relatar a vinda de Jesus à sua porta como uma verdade incontestável, verdade esta, através da qual, de certa forma, estaria buscando uma saída para este contato, com o virar o rosto de seus amigos, que, enquanto Outro, está posto e é invasivo.

Outra evidência do retorno no Real daquilo que não pode ser simbolizado é o trecho que segue, onde M.S fala sobre a faculdade, vivência concomitante a época demarcada por ela como seu primeiro surto: - *“Quando agente pesquisa os livros na bibliotecas no dia que agente pode e tirar xeroz, não lancha nem pode pagar o, eu regava só fiz um ano de faculdade porque não tinha tempo de comer...”* . M.S parece não conseguir significantizar a seu rompimento com a faculdade por outra via senão a via do Real, no caso, o Real do corpo sob a forma do comer.

O significante na psicose se materializa. Não há cadeia significante, o S1 está sozinho, isolado (S1, S1, S1,...). A palavra tem peso, é a coisa mesma sem mediações. A dificuldade de simbolizar faz com que esses significantes apareçam no real, de maneira avassaladora, terrível. Deixando o sujeito a deriva, sem separação entre o que é interior e exterior. Numa continuidade de significantes sem sentido (SOBRAL, 2006, p. 2482).

A escrita na psicose, no caso de M.S, parece, pois, assumir o caráter de certa tentativa de cura, no sentido de um não-desencadeamento, visto que a mesma põe-se a escrever, segundo a família, quando começa a ficar agitada, como um “sinal” de que entrará em crise. A escrita parece, enfim, surgir como uma possibilidade de afastamento do gozo invasivo do Outro da linguagem, como se mostra na passagem escrita pela própria paciente: - *“Ser feliz é ter Deus no coração nê verdade! Minha vida é só para meus filhos mais agora eu vou pedir uma pausa e vou viver para minha vida...”*. M.S parece intentar uma separação, construindo sua história através da escrita como um delírio e delineando um ponto de basta marcado pela palavra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lacan sinaliza que desenvolver o tema da escrita utilizando a própria escrita não representa metalinguagem, embora que, quando se pense em estudar a escrita, o referente utilizado seja ela mesma. Não há garantia, portanto, de que por utilizar a escrita para falar dela mesma possamos explicá-la. Nunca o faremos por completo, já que a verdade absoluta, toda ela, não existe. Não há como dizer tudo, algo sempre restará a ser dito, algo que nunca será dito. Ainda bem! (SOBRAL, 2008).

Foi assim, sem garantias que, neste artigo, procuramos desenvolver a noção de escrita dentro da psicanálise, sobretudo, a partir da estrutura da psicose, definida pela maneira como o sujeito se relaciona com o significante. Tal objetivo de estudo da função da escrita foi desenvolvido junto a observação de um material escrito por uma

paciente psicótica, a partir do qual se visou não a interpretação de seus escritos, visto que parecem não ser da ordem do para ser lido, mas por em evidência a tentativa da mesma no sentido da estabilização, a partir da possibilidade de escrever e dos apelos que faz através dessa escrita.

Para tanto, levou-se em consideração que dizer sim e ser atravessado pela linguagem é submeter-se a uma Lei, lei esta que, em seu caráter simbólico, introduz o significante Nome-do-Pai. Na psicose, contudo, tal significante não é suficiente, ou seja, não dá conta da significantização, fazendo advir o mecanismo da forclusão. Isso diz que, a lei da linguagem, que insere o sujeito na lógica do desejo não foi anunciada, ficando fora do registro do simbólico. Assim, sendo, o que fica excluído no simbólico, irrompe no Real sob a forma dos fenômenos elementares, sinalizando uma intrusão do gozo.

Em psicanálise, e em destaque, nos estudos lacanianos sobre a psicose, propõe-se a escrita como uma via de estabilização, de separação deste Outro invasor, desta intrusão de gozo, a partir da marca particular de cada um. Através da escrita, sistema que opera por meio material, indo ao encontro da materialização dos significantes advindos no Real na psicose, o sujeito psicótico pode, então, fazer dela uma saída. Uma saída, na medida em que ela materializa e organiza as ideias no real dos traços.

A escrita pode advir, desse modo, como a tentativa do psicótico de inscrever-se sujeito, ou seja, como dito anteriormente, como a tentativa de contar sua história em um delírio ou estabelecer um ponto de basta. E assim, a função da escrita, no ensino de Lacan, opõe-se ao sentido e à compreensão, dado que, traz a marca de cada um. Na psicose, principalmente, a escrita, conservando o sem sentido, parece efetuar o corte que não foi anteriormente feito, fixando o Real da materialidade significativa em algo que não no sujeito.

Finalizamos este artigo com a seguinte noção “Escrever é preciso” (Arthur Bispo do Rosário). Ao escrever, inscreve-se ali um sujeito (SOBRAL, 2008).

"A CUT OF WORDS SOMETIMES, IS NOT A SIGN OF SOMETHING?"

GAMA, Juliana Fonsêca de Almeida Gama

ABSTRACT

This article, based on the outlines of the first Lacanian clinic, based on the aegis of the Name of the Father, while primordial significant, aimed at the study of the function of writing from the operation of the signifier in the particular structure of psychosis. Along this study, it was proposed the observation of the material written by a psychotic patient, from which is not aimed at the interpretation of her writings, as they do not seem to be of the order to be read, but highlighting the attempt in the sense of the stabilization, from the possibility of writing and making calls through this writing. From this study, finally, it was observed that in psychosis, the words have no mediation, as signaled Lacan, before appearing as representatives of the Real. In this sense, then, that points to writing as a possible output of the psychotic relationship with language, and therefore, as a possible route of stabilization.

KEY-WORDS: Psychoanalysis. Psychosis. Writing. Stabilization.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Eliza. Estabilizações. **Revista Curinga**. Minas Gerais, n.14, p. 18-23, abril 2000.

ALVARENGA, Fabíola Moreira. O fenômeno psicótico: sob a ótica de Freud e Lacan. **Revista CliniCaps**. Minas Gerais, n.5, 22p., 2008. Disponível em:< http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_05/Revista05_art2_fabiola.pdf> Acesso em 28 agosto 2013.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. 56p. Disponível em:< http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio15_anos_caracas.pdf> Acesso em 02 setembro 2013.

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. O sintoma: de Freud a Lacan. **Psicologia em estudo**. Maringá, v.11, n.2, 2006. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000200019>. Acesso em 30 agosto 2013.

DÖR, Joel. Diagnóstico e estrutura. In:_____ **Estruturas e clínica psicanalítica**. 3.ed. Rio de Janeiro: Taurus editora, 1994. p. 13-30.

DRUMMOND, Cristina. Formas de desencadeamento. **Revista Curinga**. Minas Gerais, n.14, p. 26-33, abril 2000.

EVANS, Dylan. Psicose. In:_____ **Diccionario Introductorio de Psicoanálisis lacaniano**. Buenos Aires: Paidós, 2003.

FREUD, Sigmund. O trabalho do sonho. In: **A Interpretação dos sonhos** (1900), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume V. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 303-371.

_____. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In: **O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos** (1911-1913), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 15-89.

GUERRA, Adréa Máris Campos. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 89 p.

_____. A escrita na psicose e seus efeitos no encontro com um psicanalista na atenção psicossocial. **Arquivos brasileiros de psicologia**. Rio de Janeiro, v.61, n.1, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 agosto 2013.

HENRIQUES, Rogério Paes. A psicose na contemporaneidade e seus novos sintomas: do pathos ao orthos. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro, v.15,

2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151614982012000300005&script=sci_arttext>. Acesso em 25 agosto 2013.

JACINTO, Regina Santos; COSTA, Ana Maria Medeiros da. Considerações sobre o conceito de estabilização nas psicoses. **Revista arquivos brasileiros de psicologia**. v.63, n.2., 2011. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/707/538>>. Acesso em 25 agosto 2013.

JULIEN, Philippe. Psicose. In:_____ **Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002. p. 9-85.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. Defesas, mecanismo de defesa. In:_____ **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.183-197.

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 3: as psicoses [1955-1956]** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 376 p.

_____. A função do escrito. In:_____ **O seminário: livro 20: mais, ainda [1972-1973]**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 38-52.

_____. **O seminário: livro 23: o sintoma [1975-1976]** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 11-44.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicologia USP**. São Paulo, v.15, n.2, 2004, p. 83-106. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013> Acesso em 01 agosto 2013.

OLIVEIRA, Mariana Sales Bacha. O conceito das estruturas clínicas neurose e psicose para a psicanálise. **Revista científica do HCE**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.hce.eb.mil.br/rev/rev2008/conceitodasestrururas.pdf>>. Acesso em: 06 fevereiro 2013.

QUINET, Antônio. **As 4+1 Condições da Análise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 120 p.

REGO, Cláudia de Moraes. **Traço, letras e escrita na/da psicanálise**. 2005. 304.p. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2005. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/>>. Acesso em 28 agosto 2013.

RINALDI, Doris. O traço como marca do sujeito. **Estudos de psicanálise**. Belo Horizonte, n.31, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 agosto 2013.

ROSA, Márcia. Foraclusão e fenômenos elementares. **Revista Curinga**. Minas Gerais, n.14, p. 26-33, abril 2000.

SOBRAL, Paula Oliveira. O funcionamento do significante na psicose e sua relação com a escrita. In: XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Uberlândia, 2006. **Múltiplas perspectivas em**

Linguística. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 2480-2484. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_378.pdf>. Acesso em: 25 agosto 2013.

_____. **Psicose e escrita: a inscrição de um sujeito.** 2008. 80 p. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística), Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2008. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp066414.pdf>>. Acesso em: 25 agosto 2013.

YELLATI, Néstor. Esquizofrenia. In: **Semblantes e sinthoma.** São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2009, p.111-113.